A PSICOLOGIA E AS NOÇÕES DE SUJEITO: UMA INTRODUÇÃO

Mônica Tablas Martinez de Figueiredo, Sonia Regina Vargas Mansano, e-mails: motablas@hotmail.com; mansano@uel.br

Universidade Estadual de Londrina

Resumo

O sujeito, tão comumente presente no âmbito de estudos da Psicologia, cuja concepção fundamenta desdobramentos teóricos e metodológicos, traz a baila a seguinte questão: Mas, de que sujeito estamos falando, afinal? Neste trabalho, abordaremos como a noção de sujeito é compreendida ao longo da história da Psicologia e da Psicologia Social. Partimos da Psicologia científica, em que o sujeito assume um caráter estruturado, passível de controle e mensuração. Em seguida, abordaremos a Psicologia sócio-histórica, na qual essa noção aparece fundada nas relações sociais e nos processos de transformação. Por fim, apresentaremos a concepção de sujeito da Filosofia da Diferença, que entende a subjetividade sob o prisma da produção e o sujeito como uma existência inacabada, aberta e em processo constante de criação. Concluímos que o sujeito assume diferentes conotações ao longo da história da Psicologia, fato que traz implicações éticas e políticas para as práticas cotidianas da Psicologia.

Palavras-chave: Sujeito; Psicologia Social; Filosofia da Diferença

Introdução

O sujeito, enquanto entidade racional e individualizada, surge com o discurso científico moderno com a emergência da Psicologia científica nos séculos XIX ao XX (Prado Filho, 2007). Deste modo, a noção de sujeito passa a desempenhar papel central como objeto de estudo e de práticas da Psicologia.

Com o passar do tempo e a ampliação de perspectivas conceituais presentes na Psicologia, a concepção de sujeito e de subjetividade sofreu variações, balizando de maneira múltipla os fundamentos epistemológicos, filosóficos, técnicos e

metodológicos, fato que fez variar também os posicionamentos éticos e políticos dessa área de conhecimento. Diante dessa diversidade, o presente estudo teórico visa compreender as diferentes concepções de sujeito presentes na Psicologia, partindo de uma leitura científica até chegar às diferentes configurações da noção de sujeito presentes na Psicologia Social. O trabalho visa também compreender os desdobramentos éticos e políticos que tal variação traz para as práticas cotidianas da Psicologia.

Procedimentos metodológicos

Trata-se de um estudo teórico, em que a pesquisa bibliográfica empreendida esteve voltada para a compreensão da noção de sujeito em diferentes momentos da Psicologia e da Psicologia Social. O estudo teórico contribui para ampliar o conhecimento científico ao tecer problematizações que engendram novas compreensões, a partir de outros ângulos, que possibilitam o aprofundamento do arcabouço teórico de determinada área do conhecimento.

Resultados e Discussão

A Psicologia pode ser considerada uma ciência jovem, tendo seus primeiros pressupostos elaborados no final do século XIX (Abib, 2009). Para que ela fosse concebida como ciência, conquistando sua independência em relação à Filosofia, foi preciso edificar e adotar as bases epistêmicas ligadas ao paradigma positivista vigente na época. A validade do conhecimento sobre o humano no positivismo estava pautada na neutralidade, na mensuração dos dados, na objetividade e na regularidade dos fenômenos (Santos, 2008). Assim, a Psicologia é delineada como uma ciência capaz de compreender o sujeito em sua regularidade e estrutura. Para tanto, a subjetividade é eleita como objeto de estudo da Psicologia (Miranda & Soares, 2009) e o sujeito moderno aparece atrelado a uma subjetividade objetivada pelo pensamento científico.

Além disso, o desenvolvimento do capitalismo constituiu terreno fértil para a aposta em um sujeito individualizado e senhor de si. A noção de eu, apoiada em um mundo interno habitado por componentes individuais e privados, desenvolveu-se

com a história do capitalismo (Bock, Ferreira, Gonçalves & Furtado, 2007). A ciência moderna forjou, desta maneira, um sujeito transcendental, consciente, racional e com total domínio sobre sua própria vontade. Concepção esta que sofreu abalos e mudanças com a chegada dos postulados da Psicanálise a respeito do inconsciente e seus efeitos na subjetividade (Prado Filho, 2007). Porém, mesmo no campo psicanalítico, a concepção de sujeito foi atravessada pelos critérios de cientificidade da época, corroborando com a ideia de subjetividade como algo de foro íntimo e com estruturas universais.

Para Sawaia (1998), algumas perspectivas da Psicologia, com vistas a explicar as diferenças individuais, deram ênfase nos comportamentos acionados por agentes externos do meio, como no behaviorismo, ou na consciência e suas funções, como na corrente cognitivista. Isso deixou de lado a subjetividade em sua dimensão complexa e multifacetada, por considerá-la "da ordem do erro, da imprecisão e do desencontro" (Sawaia, 1998, p.120). Rolnik (1995), ao traçar uma cartografia do sujeito moderno, expõe que este é um "sujeito que se vê como uma essência identitária, uma ordem estável, sempre igual a si mesma" (p. 51) como se fosse inafetável, neutro, equilibrado e portador de uma identidade.

Com a crise do paradigma dominante da Psicologia científica, ocorre a problematização do modelo naturalizado pela ciência com suas categorias estáveis e fixas. A Psicologia sócio-histórica emerge nesse contexto crítico, em que o compromisso não está na previsão e no controle de comportamentos, com vistas ao ajustamento, mas na transformação social (Lane, 2006). A Psicologia sócio-histórica compreenderá subjetividade como processo, sendo o sujeito fundado nas relações sociais mediadas pela linguagem e pela história. Na América Latina, a produção de Lane (1984), Montero (1994) e Rey (2016) colaboraram para colocar em cena uma análise crítica da realidade, em que o sujeito é pensado em seu contexto histórico e cultural.

Em uma vertente mais contemporânea, recorrendo aos estudos de Deleuze (2001), Guattari (1996) e Foucault (2004), uma parte da Psicologia Social passou a compreender o sujeito como ser divisível, inacabado, em movimento, fabricado na e pelas experimentações que faz com o outro. A subjetividade é pensada sob o prisma

da produção e da invenção (Prado Filho & Martins, 2007). Nessa perspectiva, o sujeito é constituído, incessantemente, em sua relação com o mundo, sendo compreendido como um efeito provisório, uma composição que varia a partir dos componentes postos em circulação no social (Mansano, 2009).

Conclusões

Ao atravessar as múltiplas concepções de sujeito presentes na Psicologia e, em especial na Psicologia Social, é possível constatar que as mesmas assumem diferentes conotações ao longo da história, não havendo um consenso nesse conceito. A riqueza presente na Psicologia envolve coexistência de múltiplas possibilidades de compreensão do sujeito e de seus modos de existência. Para Guattari (1992), acolher e assumir uma dessas concepções implica uma escolha ética: “ou se objetiva, se reifica, se ‘cientificiza’ a subjetividade ou, ao contrário, tenta-se apreendê-la em sua dimensão de criatividade processual” (p. 24).

Cabe aos profissionais da Psicologia, desde a formação até a inserção efetiva no campo laboral, reconhecer que adotar uma dessas concepções não envolve uma ação neutra. As diferentes concepções de sujeito levam necessariamente a posicionamentos políticos e éticos que repercutem em suas práticas no social.

Referências

Abib, J. A. D. (2009). Epistemologia pluralizada e história da psicologia. *Scientiae Studia*, *7*(2), 195-208. Doi: https://dx.doi.org/10.1590/S1678-31662009000200002

Bock, A. M. B., Ferreira, M. R., Gonçalves, M. G. M. & Furtado, O. (2007). Sílvia Lane e o projeto do "Compromisso Social da Psicologia". *Psicologia e Sociedade*, *19*(2).

Deleuze, G. (2001). *Empirismo e subjetividade*. Ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. São Paulo: Editora 34.

Foucault, M. (2004). *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes.

Guattari, F. & Rolnik, S. (1996). *Micropolítica*: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes.

Lane, S. T. M. (1985). A Psicologia social e uma nova concepção de homem para a "Psicologia". In S. T. M. Lane, & W. Codo (Orgs.), *Psicologia social: o homem em movimento* (pp. 10-19). São Paulo: Brasiliense.

Lane, S. T. M. (2006). *O que é psicologia social?* São Paulo: Brasiliense. Coleção primeiros passos.

Mansano, S. R. V. (2009). Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. *Rev. psicol. UNESP*, 8(*2*), p. 110-117.

Miranda, L. L. (2000). Subjetividade: a (des) construção de um conceito. *Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura*, *2*, p. 29-46.

Montero, M. (1994) *Um paradigma para la psicología social.* Reflexiones desde el que hacer em América Latina. Caracas: Anthropos.

Prado Filho, K., & Martins, S. (2007). Subjetividade como objeto da (s) psicologia (s). *Psicologia e Sociedade*, *19*(3), p.14-19.

Rolnik, S. (1995). Subjetividade e história. *Rua*, 1(*1*), p. 49-61.

Rey, F. L. G. (2016). *O social na psicologia e a psicologia social:* a emergência do sujeito. Petrópolis: Vozes, 2016.

Santos, B. S. (2008). *Um discurso sobre as ciências.* São Paulo: Cortez.

Sawaia, B. B. (1998). A crítica ético-epistemológica da psicologia social pela questão do sujeito. *Psicologia e sociedade*, 10(*2*), p. 117-136.